

**Nem aqui, nem lá: habitar amplitudes,  
do céu ao fundo do mar**

Patrícia Gomes Pelizari

Nem aqui, nem lá: habitar amplitudes, do céu ao fundo do mar

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao colegiado de Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais

Habilitação de Artes Gráficas  
Orientadora: Prof. Maria Elisa Martins Campos do Amaral

Belo Horizonte  
Escola de Belas Artes da UFMG  
2023



## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, por todo apoio que me deram desde que eu era criança.

À Gabi, minha primeira grande inspiração e modelo na vida, incentivadora de absolutamente tudo que eu já me interessei em fazer.

Aos meus amigos, sempre dispostos a ajudar e que, entre surtos e trapalhadas, deixaram toda a minha trajetória mais leve.

Aos meus padrinhos, expressivos e cheios de carinho.

À Elisa, minha orientadora e professora, sempre demonstrando muito cuidado e paciência

# SUMÁRIO

Prelúdio.....	11
Processo.....	13
Vasto.....	27
Mergulho.....	33
Medo.....	45
Curiosidade.....	53
Contemplação e Distância.....	61
Profundezas do Além.....	69
Saturno.....	83
Netuno.....	91
Submergir.....	101
O Pacífico.....	107
Emergir.....	115
Referências Bibliográficas.....	119



## PRELÚDIO

Aqui será possível perceber uma ligação temática e poética entre os trabalhos com narrativas já existentes, sendo elas músicas ou poemas.

Essas narrativas serão exploradas de forma indireta, como direcionamentos mais abertos ao caminho temático, mas também em conjunto com a obra, quando as letras influenciam diretamente no pensamento de criação de imagens a partir da narrativa.

Como elas são todas em inglês, no fim desse trabalho é possível encontrar as traduções que fiz dessas produções, junto de mais informações sobre elas (página 133)

Convido você para essa imersão!



**PROCESSO**



Eu sempre gostei muito de ler. Uma característica muito fascinante dos livros, além de serem a manifestação de mundos e personagens que foram criados pela cabeça de uma pessoa, é a inata capacidade deles de formar imagens, mesmo que apenas a partir das palavras.

Meu processo sempre teve uma ligação muito forte com a escrita. Não uma escrita autoral, mas a de outras pessoas, levando-me a criação de imagens a partir dessas bases já existentes.

Acabei adquirindo o hábito de marcar as páginas em livros que continham descrições de personagens e cenas interessantes para depois desenhar, e, dentro do curso de Artes Visuais, essa prática se tornou cada vez mais forte.

O filósofo, historiador e crítico de arte Georges Didi-Huberman<sup>1</sup>, traça um interessante comentário sobre a relação palavra/imagem, como vemos a seguir:

"A imagem é “a forma do que aparece”, escreve Blanchot<sup>2</sup>. Ao mesmo tempo “abertura da irrealidade” e “torrente do exterior”: isto é, no ponto de contato entre os possíveis do imaginário e o impossível do real. O que isso implica para a linguagem e o pensamento? Que a aparição, via imagem, coloca a palavra “em estado de elevação”: como se a escrita poética devesse sua própria intensidade à repercussão – primeiro tempo da imagem – de um ressoo: O “ressoo” não é, portanto, a imagem que ressoa (em mim, leitor, a partir de mim), ele é o próprio espaço da imagem, a animação que lhe é própria, o ponto de jorro no qual, falando dentro, ela já fala inteiramente fora.” (HUBERMAN, 2011: 28)

---

<sup>1</sup> Georges Didi-Huberman (1953) é um filósofo, historiador da arte, crítico de arte e professor da École de Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris.

<sup>2</sup> Maurice Blanchot (1907 - 2003) foi um escritor, ensaísta, romancista e crítico de literatura francês.

Eu sempre tive um fascínio muito grande pela narrativa, então eu naturalmente era levada a tipos de mídias que tinham uma ligação forte com ela. A música, por exemplo, é uma das fontes narrativas que sempre me atraíram.

Em uma carta enviada pelo poeta Baudelaire<sup>3</sup> ao compositor Wagner<sup>4</sup>, de quem ele era um grande admirador, o escritor expõe seus pensamentos sobre a linguagem musical:

"Ouvi dizer, muitas vezes, que a música não podia se vangloriar de traduzir com certeza o que quer que fosse, como faz a palavra e a pintura. Isso é verdade em certa medida, mas não é inteiramente verdadeiro. Ela traduz à sua maneira e pelos meios que lhe são próprios. Na música,

---

<sup>3</sup> Charles Pierre Baudelaire (1821 - 1867) foi um poeta boêmio, e teórico da arte francesa. É considerado um dos precursores do simbolismo e reconhecido internacionalmente como o fundador da tradição moderna em poesia.

<sup>4</sup> Wilhelm Richard Wagner (1813 - 1883) foi um maestro, compositor, diretor de teatro e ensaísta alemão, primeiramente conhecido por suas óperas.



ca, como na pintura, e até mesmo na palavra escrita, que é todavia a mais positiva das artes, há sempre uma lacuna a ser completada pela imaginação do ouvinte" (BAUDELAIRE, 1995: 915).

O poeta afirma que a música, ao contrário do que se acredita, é sim capaz de transmitir idéias e sensações, assim como a escrita e a pintura, da sua própria maneira. Ainda adiciona que, em todas essas linguagens, existe uma lacuna entre a mensagem e o ouvinte/observador que é completada pela imaginação.

Isso espelha o movimento em meus trabalhos. Utilizando o artifício da música, - que em todos os casos de minhas escolhas, assim como nas óperas do compositor Wagner, são junções de melodia e letra (ou narrativa) -, e que da minha percepção e imaginação, se desdobram em imagens.

Esse movimento pode acontecer de diversas maneiras e com várias etapas. Por exemplo, a compositora estadunidense Anaïs Mitchell, ao tra-

çar paralelos entre os mitos de *Orfeu e Eurídice* e o de *Hades e Perséfone*, cria um álbum de músicas inteiro dedicado a narrar essas histórias. Eu, ao entrar em contato com esse conjunto musical, desenvolvo imagens que, acredito, criam vínculos visuais expressivos, com ele.

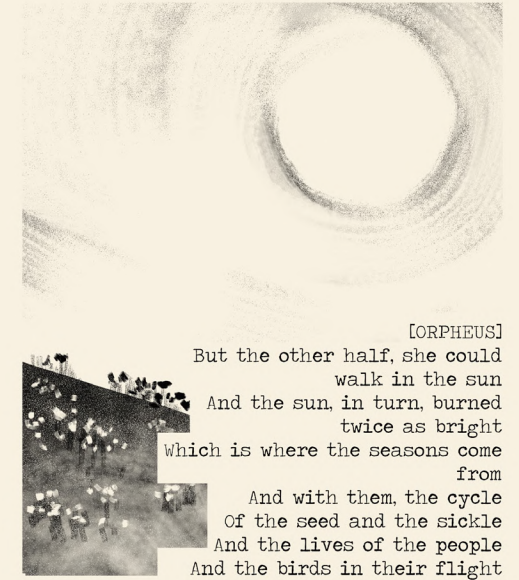
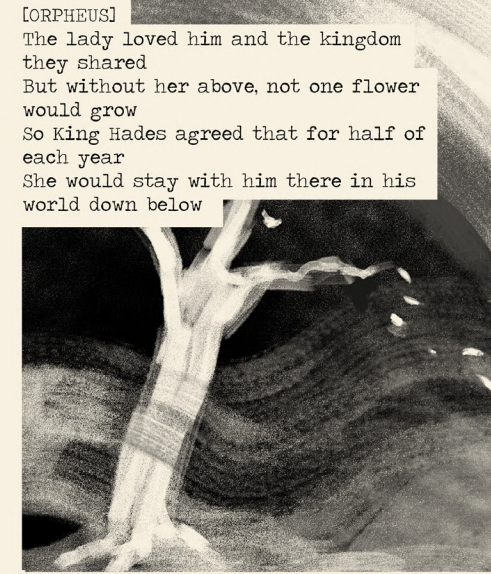
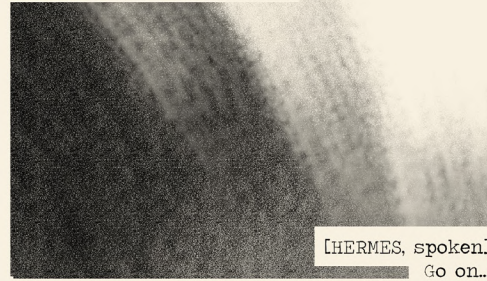
Os desenhos não se classificam como ilustrações por não representarem diretamente o que a letra fala, mas sim a minha própria maneira de recontar o que a música me passa.



*Epic II*, zine digital. 2021



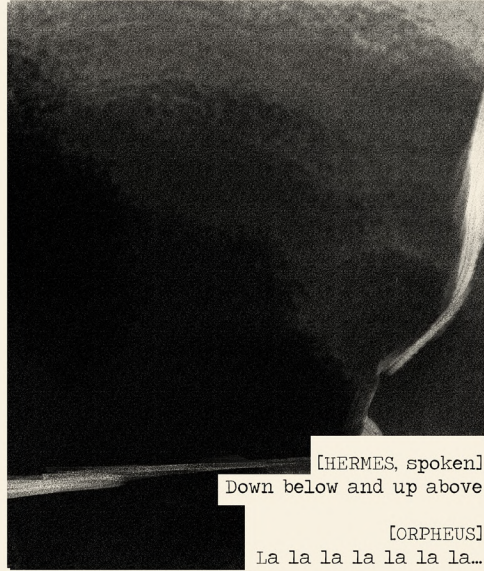
[ORPHEUS]  
But he fell in love with a  
beautiful lady  
Who walked up above in her  
mother's green field  
He fell in love with Persephone  
Who was gathering flowers in the  
light of the sun  
And he took her home to become his  
queen  
Where the sun never shone  
On anyone





[HERMES]  
Singing...

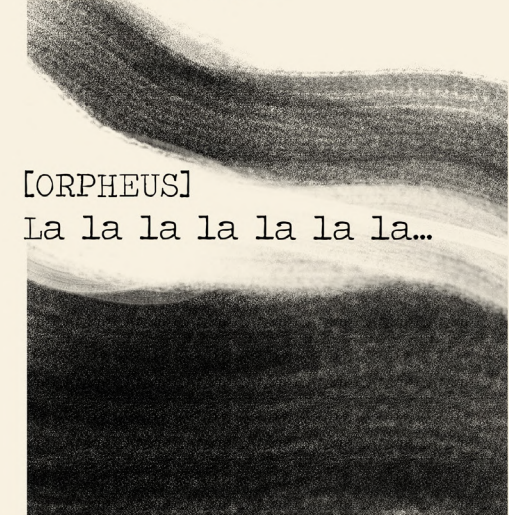
[ORPHEUS]  
La la la la la la la...



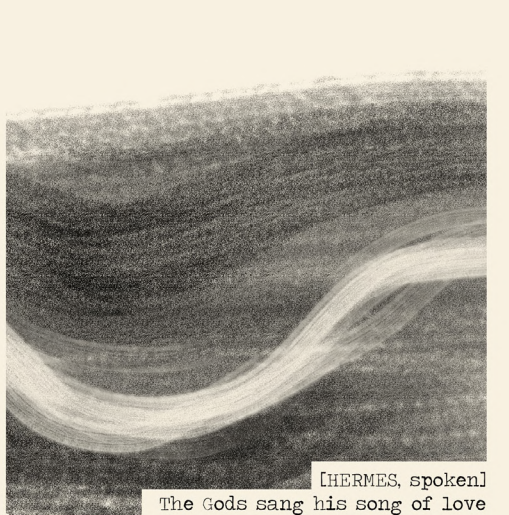
[HERMES, spoken]  
Down below and up above

[ORPHEUS]  
La la la la la la la...

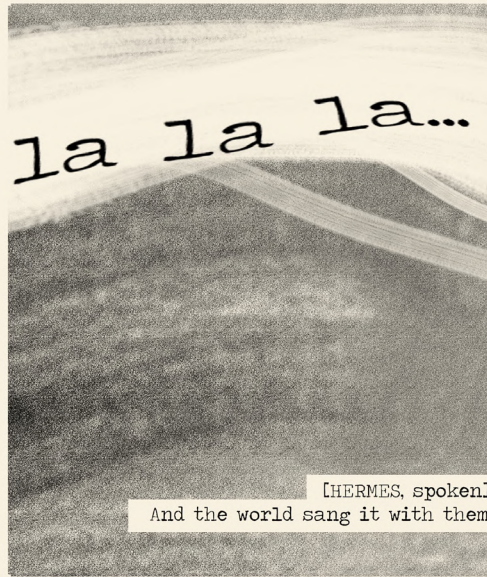
[HERMES, spoken]  
In harmony and rhythm



[ORPHEUS]  
La la la la la la la...



[HERMES, spoken]  
The Gods sang his song of love





**VASTO**



*Infinity times infinity*

*Infinity times infinity times infinity*

*Infinity times infinity times infinity times infinity*

*Let there be light, let there be light, let me be right*

*Sun - Sleeping at last*

Estar diante de algo além da sua possibilidade de abarcar. Estar diante do infinito e do atemporal. Essa é, para mim, a experiência do vasto. O eterno, o infinito, a expansão, o inalcançável, o inatingível, o inapreensível.

Acredito que podemos classificar um ambiente como vasto se ele se enquadrar, ou pelo menos aparentar se enquadrar, em três categorias: ser amplo (um ambiente expansivo que ocupa uma grande extensão territorial), ser aberto (que não tem limites, ou pelo menos aparenta não ter) e ter grande escala (se fizermos uma comparação entre o espaço e o observador ou o objeto focalizado, o espaço precisa ser bem maior).

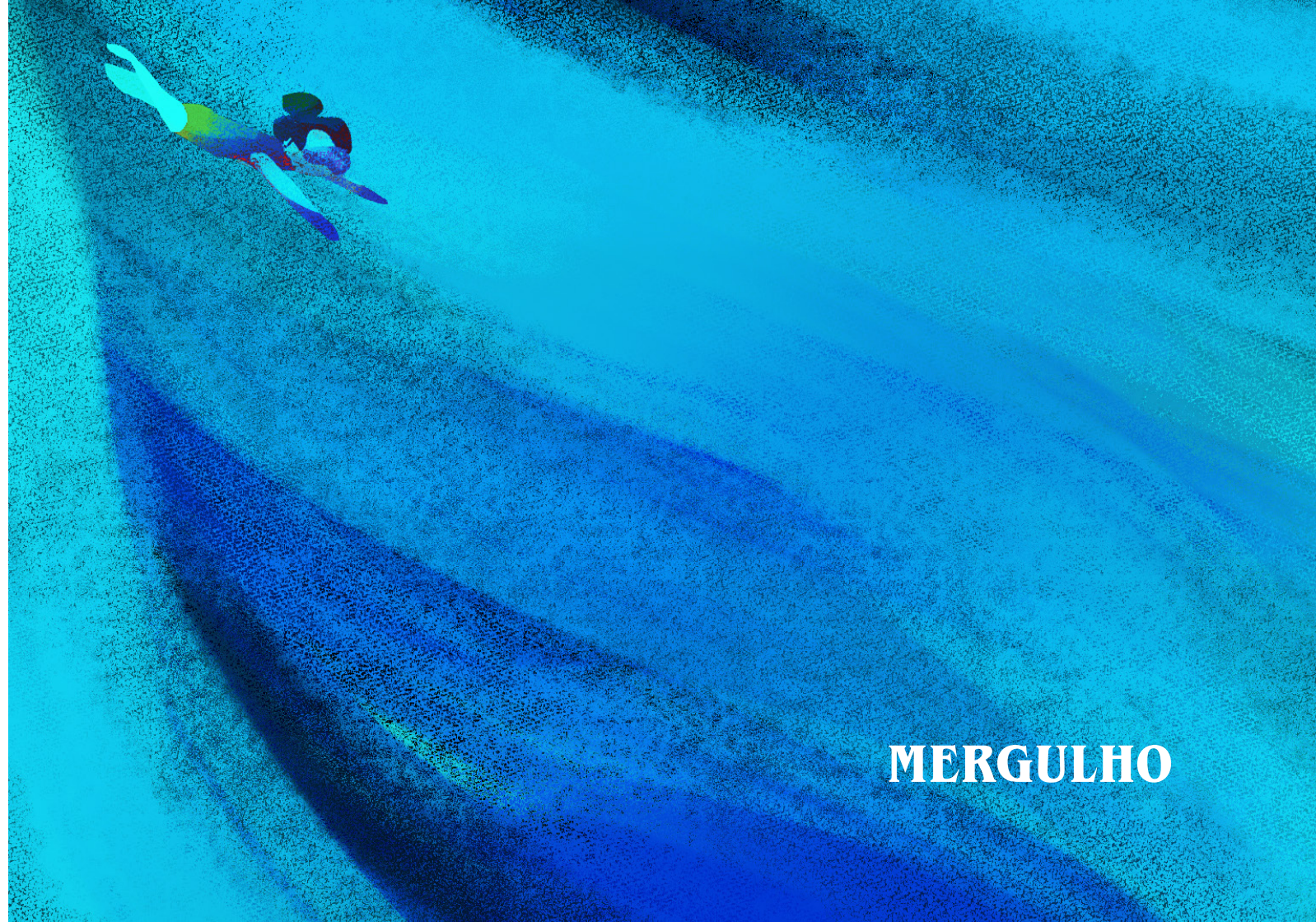


O céu e o mar são espaços que se encaixam dentro desse conceito. Uma sala de espelhos, um lugar totalmente escuro ou uma parede com projeções podem ser vistos como lugares vastos também, desde que proporcionem certas sensações ao observador. Seriam eles exemplos do vasto em ambientes construídos.

Ele pode até se enquadrar como uma questão conceitual, como pontua Didi-Huberman (2011, pág.32):

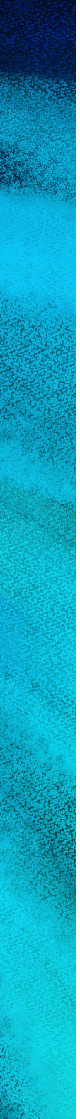
"A semelhança é vasta como a noite, ou seja, como um meio impessoal, fluido mas opaco, espécie de intangível drapeado que envolveria todas as coisas e não teria mais fim."

Aqui ele também se encaixa dentro das categorias mencionadas anteriormente: Huberman afirma que a semelhança é ampla (é fluida e opaca), aberta (não tem fim) e de grande escala (envolve todas as coisas).



**MERGULHO**





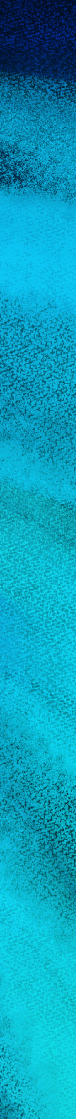
*My soul is full of longing  
for the secret of the sea,  
and the heart of the great ocean  
sends a thrilling pulse through me.*

*The Secret of the Sea - Henry Wadsworth Longfellow*

O trabalho *Mergulho* foi a minha primeira experiência com a ideia do vasto, nesse caso também ligando ele a uma questão narrativa.

Aqui exploro um tipo de submersão cujo foco e motivação é a curiosidade. A personagem faz uma ação consciente de submergir, de entrar dentro do desconhecido. Temos essa certeza ao identificar que ela é uma mergulhadora.

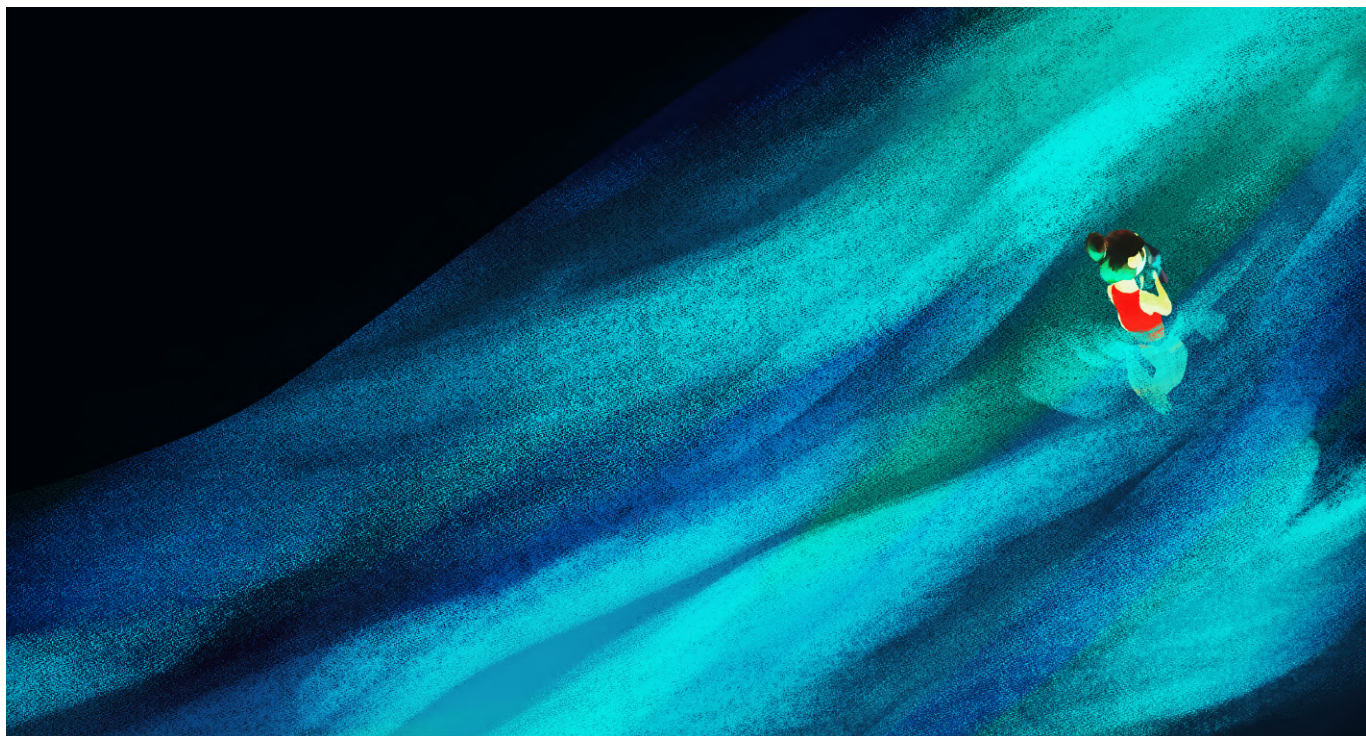
A questão que mais me atrai na prática de um mergulhador é a possibilidade da exploração aquática. Neste caso vemos um mergulho livre, onde o objetivo pode ser mergulhar o mais longe e profundo possível. É uma experiência solitária e silenciosa e é um ato de desbravar.



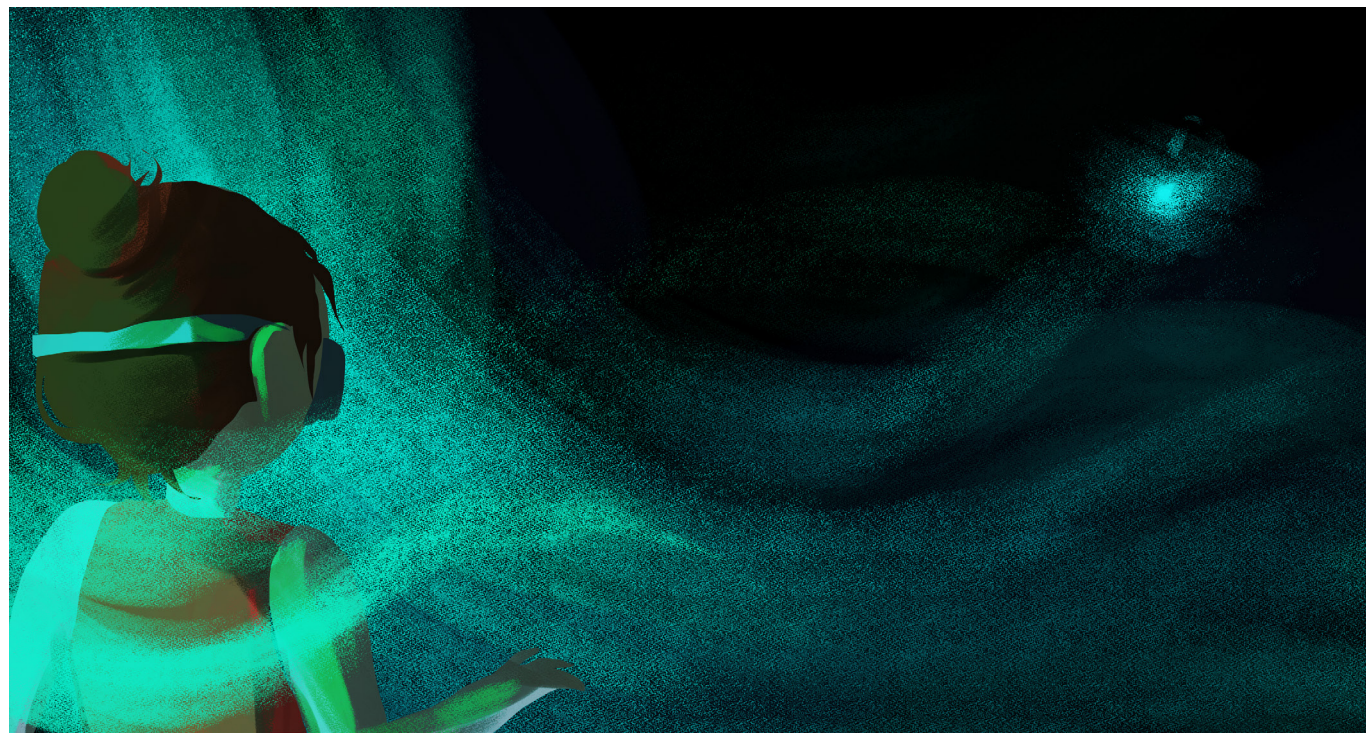
Todos os desenhos são inseridos nesse ambiente incerto (com um fundo preto que dá a sensação de lugar intangível, sem limites e cheio de água, com tons de azul que contrastam entre si, parecendo que partes dela estão brilhando, tendo uma leve textura e transparência, que contribuem para dar a impressão de profundidade).

Acompanhamos a mergulhadora nessa jornada abissal até encontrar-se com um ponto de luz desconhecido, que chama sua atenção dentro de toda a escuridão do abismo. É ele que abre a visão e a atrai para o que se esconde nas sombras.

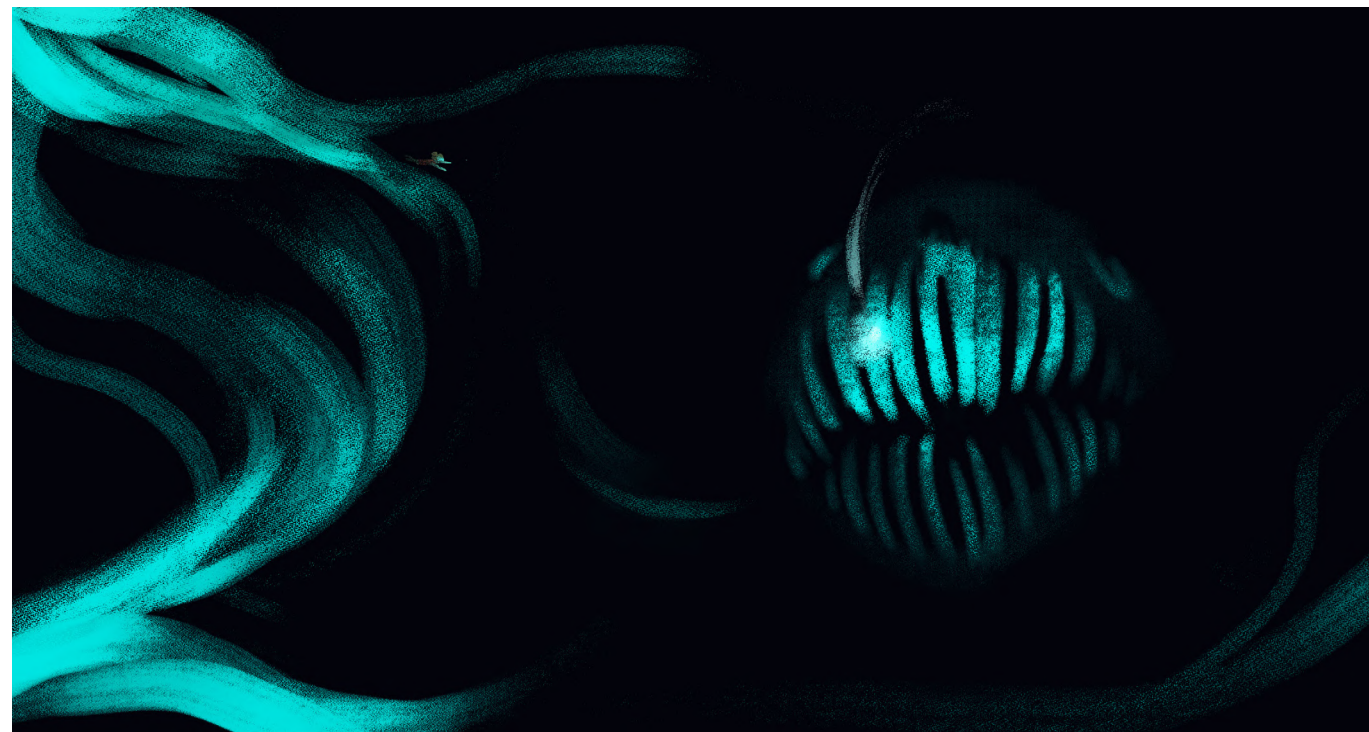
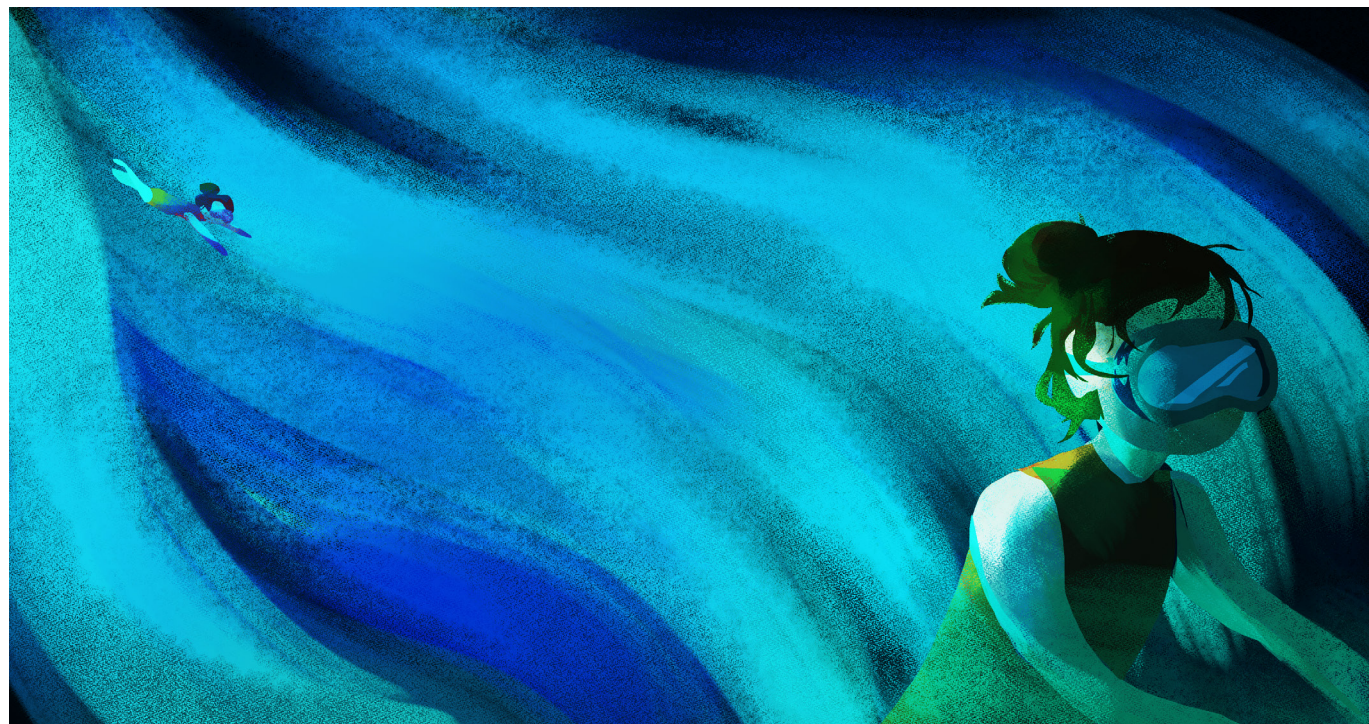




*Mergulho*, pinturas digitais. 2021







Essa ideia do perigo iminente me lembra uma pintura da Jeanie Tomanek<sup>1</sup>, onde vemos uma figura caminhando na noite, olhando para o céu. Ela parece estar encantada pela lua e segue seu caminho ignorante do buraco à sua frente.

Em ambos os trabalhos temos essa questão do iminente risco, prestes a se concretizar, sendo ambas as personagens distraídas e atraídas por algo fora de seu alcance. Isso as leva a perder a percepção de seu entorno e, inconscientemente, se colocar em perigo, o que causa uma certa ansiedade para quem observa.

---

<sup>1</sup> Jeanie Tomanek (1949) é uma pintora estadunidense inspirada pela literatura, mitos e contos populares.



Jeanie Tomanek, *Faith*.  
Óleo sobre painel de madeira, 24×18. 2021



**MEDO**



*Ah! what pleasant visions haunt me  
As I gaze upon the sea!  
All the old romantic legends,  
All my dreams, come back to me*

*The Secret of the Sea - Henry Wadsworth Longfellow*

Eu tenho medo do mar.

Isso não foi uma realidade a minha vida toda, quando eu era criança eu amava o mar. Meus pais sempre me levavam para a praia e eu passava horas e horas dentro da água. Com o tempo a gente vai crescendo e desenvolvendo a consciência de que na verdade o mar é um lugar bem violento.

Não dá para ver onde estamos pisando e é um pouco assustador perceber como as correntes de água conseguem nos arrastar para longe sem nos darmos conta. Além de não termos ideia do que acontece em grande parte dele, já que uma significativa porcentagem do fundo do mar não foi explorada.



Acho que isso se aplica a vários desses tipos de lugares: o espaço também pode ser um ambiente de condições hostis, assim como a noite.

Esse tipo de espaços têm qualidades que retiram o controle que costumamos ter e, por isso, nos proporcionam um sentimento de pequenez que pode ser bem angustiante, uma sensação de estar diante do desconhecido.

Gaston Bachelard<sup>1</sup>, em seu livro *A Água e os Sonhos*, discorre como, diante do contato deste desconhecido, o cérebro processa informações impossíveis de distinguir, sendo elas visuais ou sonoras, em uma tentativa de entender o ambiente. Isso nos leva, a um estado de medo e adrenalina, ver vultos e aparições nas sombras.

---

<sup>1</sup> Gaston Bachelard (1884 - 1962) foi um filósofo e poeta francês.

"Se o medo ao pé do lago na noite é um medo especial, é também porque é um medo que conserva um certo horizonte. É muito diferente do medo na caverna ou na floresta. É menos próximo, menos condensado, menos localizado, mais fluente. As sombras sobre a água são de certa forma mais móveis que as sombras sobre a terra. Insistamos um pouco em seu movimento, em seu devir. A noite as lavandiscas instalam-se à beira dos rios em plena bruma. Naturalmente, é na primeira metade da noite que elas atraem sua vítima. É um caso particular dessa lei da imaginação que queremos repetir em qualquer ocasião: a imaginação é um devir." (BACHELARD, 1997:107)

A cantora Phoebe Bridgers<sup>2</sup>, em sua música *Chinese Satellite*, também reflete um pouco sobre essa questão. Nela ela manifesta uma frustração de olhar para o céu e não sentir nada, apenas o vazio, um frio na barriga e a crescente consciência de estar sozinha.

---

<sup>2</sup> Phoebe Lucille Bridgers (1994) é uma cantora, compositora, guitarrista e produtora estadunidense.

Diante da grande extensão do céu surge a necessidade de respostas.

Took a tour to see the stars  
But they weren't out tonight  
So I wished hard on a Chinese satellite  
I want to believe  
Instead, I look at the sky and I feel nothing  
You know I hate to be alone  
I want to be wrong

A gente atravessa o medo por necessidade ou, de um jeito que eu acho muito mais interessante, por curiosidade.



**CURIOSIDADE**



“a curiosidade matou o gato, mas a satisfação o trouxe de volta”  
(ditado popular)

A curiosidade é uma característica intrinsecamente humana, e ela é o grande motivador da busca de conhecimento em geral. Sendo uma força poderosa que move além das limitações, ela que move a tentativa de esgotamento de um assunto, o buscar sem limites, a procura frenética.

Acredito que, no fim, os desenhos acabam sendo uma maneira de entrar em contato com esses lugares impossíveis de chegar, que nos dão esse sentimento de inquietação e geram tanto fascínio.

Eles conseguem atravessar qualquer que seja o obstáculo e ser uma maneira de conquista.

Se não conseguir chegar neles, por que não imaginar como eles são? Se é possível ir até um cantinho isolado do espaço, ou mergulhar até o fundo do oceano, por que não satisfazer essa vontade através de um desenho? Esse é um movimento muito comum na leitura, viver algo impossível ou ter a oportunidade de ver o mundo por uma perspectiva diferente.

A escritora Marina Colasanti<sup>1</sup> discorre sobre essa questão:

"Literatura é isso, um texto com face oculta, fundo falso, passagens secretas, um tesouro escondido que cada leitor encontra em um lugar diferente e que para cada leitor é outro" (COLASANTI, 2015)

*Procurar, descobrir, encontrar, reconhecer e solucionar* foi uma série de cartões postais que produzi explorando um pouco nesse movimento que

---

<sup>1</sup> Marina Colasanti(1937) é uma escritora, contista, jornalista, tradutora e artista plástica ítalo-brasileira, ela já escreveu publicou obras para crianças e para adultos

a curiosidade nos leva a fazer. Eles acompanhavam uma carta fictícia em que eu relembrava as diferentes ocasiões em que a curiosidade e a possibilidade da descoberta me movimentaram durante a vida.

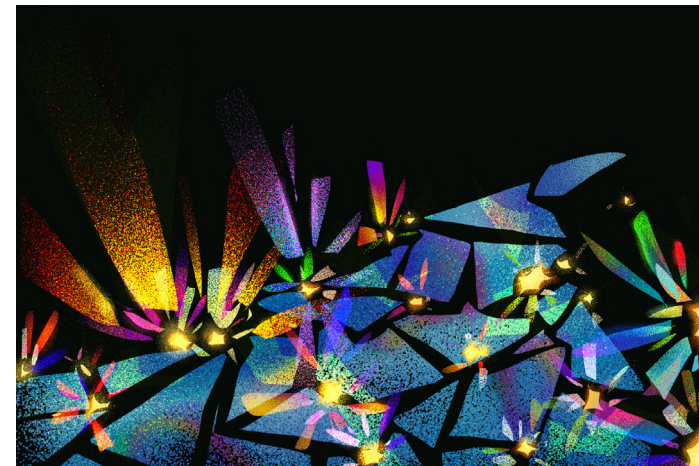
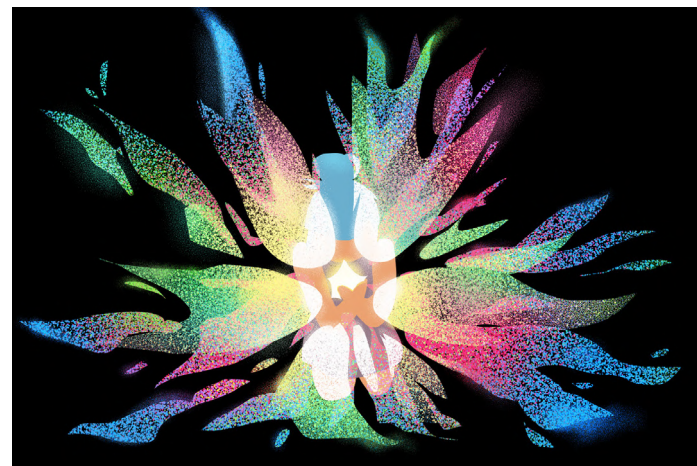
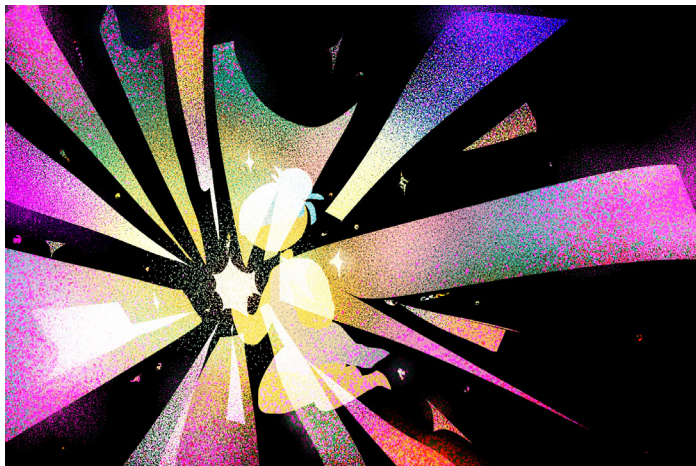
*Acho que tudo se liga a esse sentimento de encanto que a gente tem ao descobrir uma coisa nova, ao encontrar algo que a gente estava procurando. É sobre explorar lugares novos e ver os que você já conhece por uma perspectiva diferente, conseguir resgatar um pouco da curiosidade que temos quando somos crianças.*<sup>2</sup>

Os cartões tinham ilustrações que representavam as ações performadas por cada um desses verbos, todas também tocando na questão da transformação.

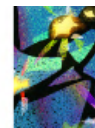
---

<sup>1</sup> Trecho da carta (junho de 2022) que acompanha o trabalho dos postais. Nela comento como a curiosidade me motivou em vários momentos enquanto eu crescia.

*Descobrir, reconhecer, encontrar,  
procurar, solucionar, Cartões postais  
(2022)*



Procurar  
(pro.cu.rar)  
v.t. (verbo transitivo)  
1. Executar as ações  
necessárias para tentar  
encontrar algo.  
1. Fazer pesquisa para  
descobrir algo; investi-  
gar,  
pesquisar, buscar.  
2. Ir ao encontro de.





**CONTEMPLAÇÃO E DISTÂNCIA**



*It starts with our eyes well acquainted with the dark  
Then the mind was made to illuminate the heart  
And when every constellation suddenly appeared  
Through telescopes and calculations  
The far was pulled so near*

*Overture - Sleeping at Last*

A contemplação é o ato de parar e perceber.

Ela tem muita ligação com a meditação. Ambas são práticas do silêncio, sobre sentir e reparar atentamente, mas a meditação, ao contrário da contemplação, é um exercício de desprendimento dos seus arredores, de focar no interno e do desprendimento da visão. Já a contemplação faz outro movimento, lidando principalmente com a observação, ela permite fixar o olhar no externo, sobre admirar e se encantar com aquilo de fora.

O olhar serve como ponte.

A contemplação lida com a vontade do distante, do inalcançável.



Distância é um conceito que, para mim, está diretamente ligado à contemplação, sendo ele fundamental para que ela possa ocorrer, já que para conseguir esse estado de reflexão é necessário um espaço de respiro, um passo para trás, para assim conseguir compreender e pensar com clareza.

"Mas ver o quê? O que se vê no fascínio? Blanchot responde: não a coisa, mas sua distância. E nossa própria solidão que daí resulta. É uma distância paradoxal, uma dupla distância – Benjamin a chamava de aura – de onde a imagem retira sua própria potência: Ver supõe a distância, a decisão separadora, o poder de não estar em contato e de evitar o contato, a confusão. Ver significa que essa separação tornou-se, porém, encontro. Mas o que acontece quando o que se vê, ainda que à distância, parece tocar-nos por um contato comovente, quando a maneira de ver é uma espécie de toque, quando ver é um contato à distância? [...] [Então] o olhar é arrastado, absorvido num movimento imóvel e para um fundo sem profundidade. O que nos é dado por um contato à distância é a imagem, é o fascínio, é a paixão da imagem." (HUBERMAN, 2011: 29)

Nesse trecho o autor reconta uma resposta de Maurice Blanchot em que ele afirma que a distância não é apenas intrínseca à contemplação, ou no caso de sua fala, o fascínio, mas também é fundamental para o ato de ver, de perceber. Aqui a distância faz com que o olhar se torne uma ponte, ele é a maneira de contato com o que está além.

A distância chama a contemplação, nos faz pensar sobre aquilo que não conseguimos alcançar, ela chama a curiosidade e o encantamento diante do inalcançável.

Eu sempre me lembro de uma fala de Sandra Cinto<sup>1</sup> para uma entrevista, em que ela descreve seu trabalho *Construção*, que diz um pouco isso:

"Eu chamei essa instalação de Construção porque ela é um céu construído, totalmente imaginado. Fala do desejo de ver o céu, desejo de

---

<sup>1</sup> Sandra Cinto(1968) é uma desenhista, pintora, escultora, gravadora e professora.

paisagem. Se eu morasse em uma cidade que permitisse um contato maior com a natureza, talvez não produzisse esses trabalhos, este céu de papel, um céu para as pessoas entrarem de alguma forma e se conectar com o espaço.”

A distância também abre espaço para o anseio, o desejo. A obra de Cinto é uma busca do céu, ela acontece por causa dessa separação, desse estranhamento da artista com esse ambiente, a falta dele que ela sente na cidade é a motivação desse movimento.



Sandra Cinto, Construção. Instalação. 2016.





**PROFUNDEZAS DO ALÉM**



Um túnel infinito, composto de uma grande espiral, mescla diversos tons vibrantes de roxo que vão se fundindo e se transformando em azul e verde até se tornarem pretos. Esse ambiente é habitado por um cardume de peixinhos que segue em sua jornada para o que parece ser um lugar cada vez mais fundo, diminuindo de tamanho até sumir na escuridão.

*Profundezas do além* foi criado partindo de uma grande vontade de explorar mundos e perspectivas diferentes que fogem do nosso dia a dia, sendo elas vindas de um mundo fantástico ou apenas de um lugar ao qual não temos acesso, fazendo com que tenhamos que imaginar como ele deve ser.



As inspirações e referências para ele partem de diversas fontes diferentes, mas principalmente de obras que eu consigo perceber que trabalharam em algum momento com o conceito de *ma*. Tive contato com ele através do fundador do *Studio Ghibli*, Hayao Miyazaki<sup>1</sup> que, em conversa com o desenhista John Lasseter<sup>2</sup>, explica o uso de alguns segundos de quietude e contemplação dos personagens nos desenhos animados, não com o intuito de prosseguir com a história, mas para ajudar na ambientação e mostrar para o público quem eles são. Miyazaki fala:

“Temos uma palavra para isso em japonês, o nome dela é *ma*. Vazio.

---

<sup>1</sup> Hayao Miyazaki(1941) é um animador, cineasta, roteirista, escritor e artista de mangá japonês. É co-fundador do Studio Ghibli, uma companhia de cinema e animação japonesa.

<sup>2</sup> John Lasseter(1957) é um diretor e produtor americano. Ele é mais conhecido por ter sido o diretor de criação da Pixar, Walt Disney Animation Studios e DisneyToon Studios, trabalhou como diretor de filmes como Toy Story e Vida de Inseto

Está lá intencionalmente.” Ele bate palmas três vezes “O tempo entre as palmas é *ma*. Se você apenas tem ação ininterrupta sem espaço para respirar, é apenas ocupação. Mas se você parar um momento, a tensão construída no filme pode crescer em uma dimensão mais ampla. Se você tiver uma tensão constante o tempo todo, ficará entorpecido.”

Um artista que eu acredito conversar com esse conceito é Caspar David Friedrich<sup>3</sup>, um artista alemão conhecido por suas pinturas de paisagem alegóricas. Nelas vemos figuras humanas contemplando céus, mares e ruínas.

---

<sup>3</sup> Caspar David Friedrich(1774 - 1840) foi um pintor, gravurista, desenhista e escultor romântico alemão, o objeto principal de suas obras era a paisagem



Caspar David Friedrich, *Monk by the Sea*. Óleo sobre tela. 110 x 171.5cm. 1808/1810.

*Monge à beira-mar* é uma pintura muito atmosférica. Representa uma figura de costas que é vista de pé, na margem onde a areia encontra o mar. O uso de cores mais cinzentas, a leveza das nuvens por causa da textura e o uso do vazio dentro da composição, mostram o monge pequenino em contraste com a grandeza do mar e fazem com que se crie esse sentimento de reflexão, de ponderação sobre algo maior.

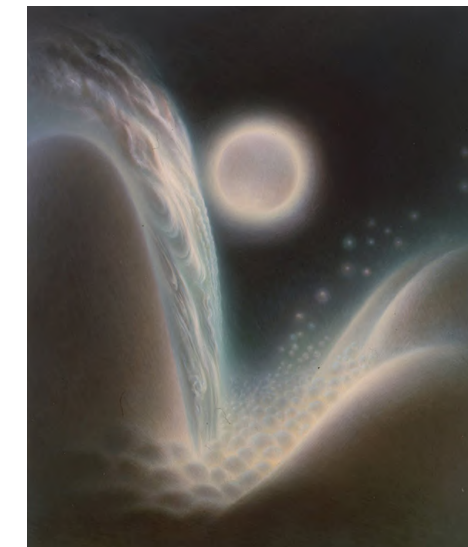
A partir dessa obra consegui notar que a escala e a distribuição dos elementos dentro da imagem eram essenciais para conseguir passar o sentimento que eu estava buscando. Seria necessário então pensar em que tipo de ambiente traria essa sensação de imensidão e de grandiosidade para criar contraste com elementos menores.



Uma artista que trabalha também essa atmosfera, usando, no caso elementos que são “de outro mundo”, é a Tamie Okuyama<sup>4</sup>, que, entre suas várias séries de pinturas a óleo, tem uma totalmente dedicada à lua e outra ao sol. As obras trabalham com perspectivas diferentes, causando um certo estranhamento diante do que está sendo representado e uma sensação de que estamos diante de algo que não existe na nossa realidade.

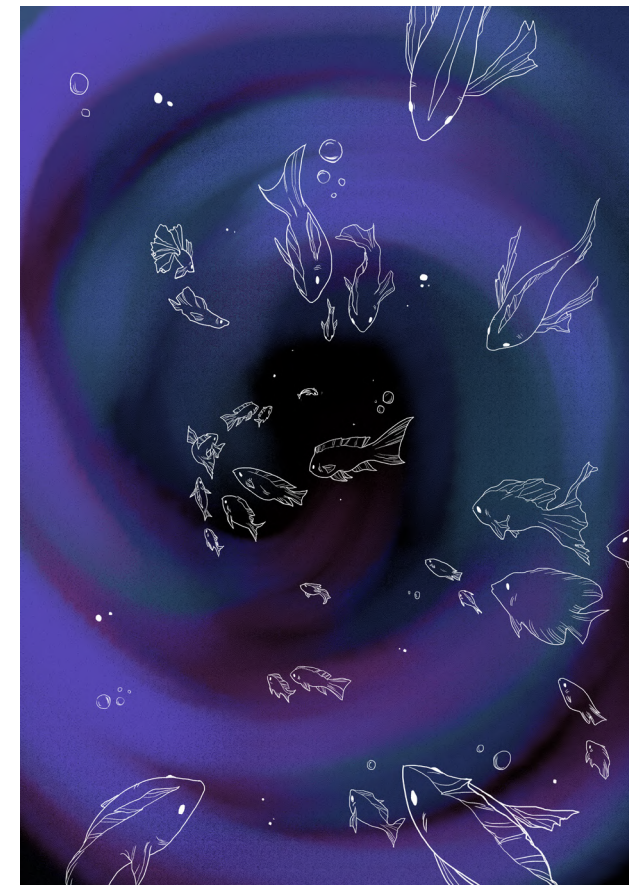
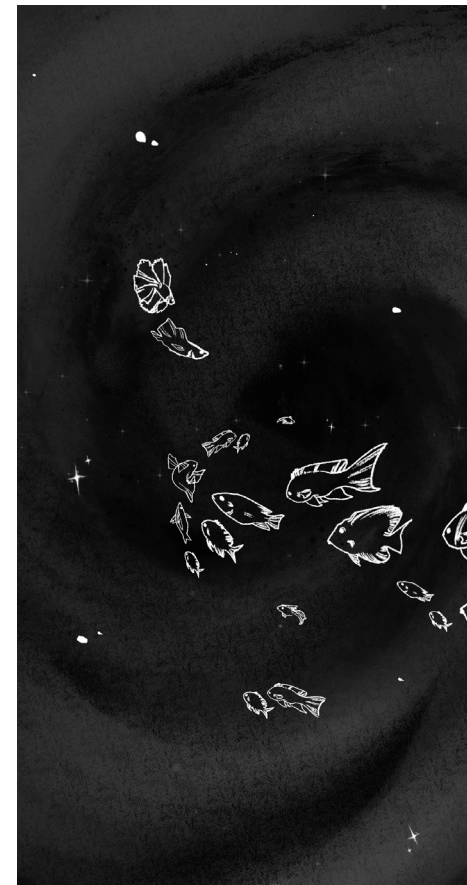
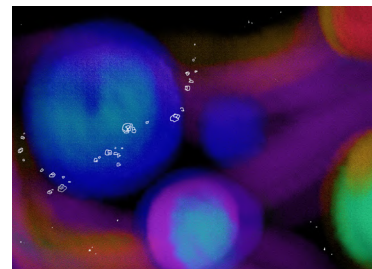
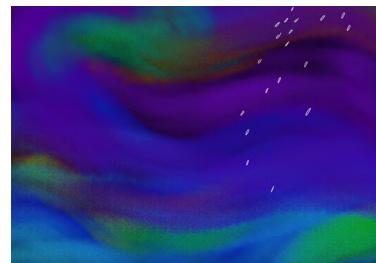
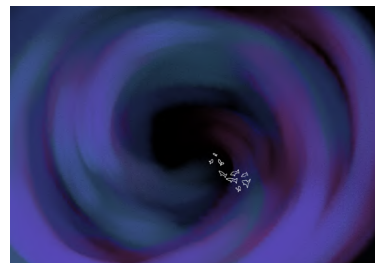
---

<sup>4</sup> Tamie Okuyama(1946) é uma artista japonesa cujas pinturas refletem sua forte visão de mundo dos humanos fundamentalmente interligados com a natureza e o universo



Da série *The Moon*, Óleo sobre tela. 2011-2013

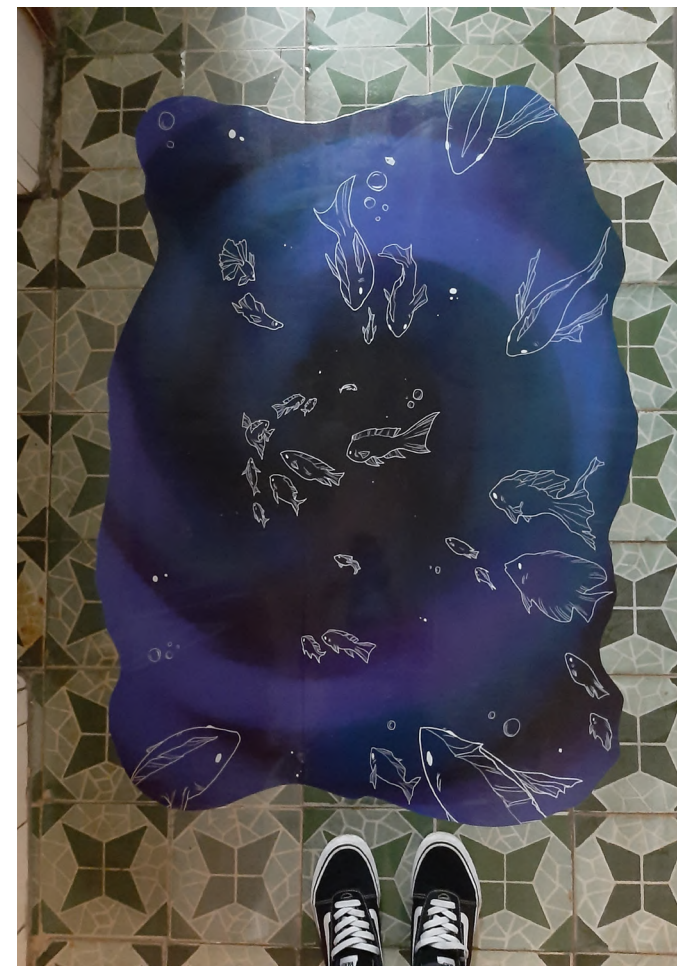
A partir da observação sobre aquelas imagens de Tamie Okuyama, iniciei a experiência de pequenos testes, não só para a elaboração da imagem, mas também para realizar a paleta de cores. Um deles foi escolhido para ser mais trabalhado e se transformar no desenho final que foi usado na instalação que dá nome a esse capítulo.





A imagem ocupa seu lugar no chão. Tendo um recorte irregular em sua borda, para simular a existência de um buraco, e sendo coberta de vinil adesivo. A incorporação do vinil acabou criando algo interessante, pois, como a imagem foi colocada em um corredor, que é um local de trânsito de pessoas e não de permanência, como ele não é fosco, a luz que ilumina o corredor reflete nele e faz com que a imagem não seja totalmente visível. Apenas quando a pessoa se aproxima e olha para baixo que é possível entender o que é representado, forçando quem está vendo a parar e observar.

A composição espiralada, reforçada pela ilusão perspectiva dos peixes que vão ganhando profundidade na representação, cria um movimento concêntrico, proporcionando uma sensação de atração centrípeta, de uma imersão e uma vertigem.



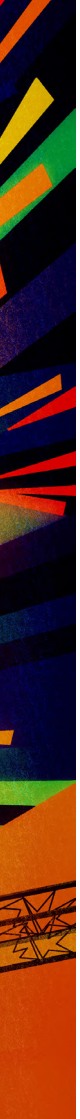
*Profundezas do abismo, instalação.*  
Bença. 2022





SATURNO





*I couldn't help but ask for you to say it all again  
I tried to write it down, but I could never find a pen  
I'd give anything to hear you say it one more time  
That the universe was made just to be seen by my eyes*

*Saturn - Sleeping at Last*

*Saturno* também é uma busca do céu, à sua própria maneira.

Aqui eu queria muito mais lidar com o encantamento e com o anseio, o desejo intenso de algo além.

Observamos a figura feminina representada no trabalho em um momento de pausa, onde se cria esse sentimento de reflexão, de ponderação sobre algo maior, como mencionado antes.

O que ela está observando não é tão claro, é possível perceber que é uma representação do céu ou do espaço, mas ficamos na dúvida se o que está sendo representado nesse mural/vitral é um sol, um planeta ou um cometa.

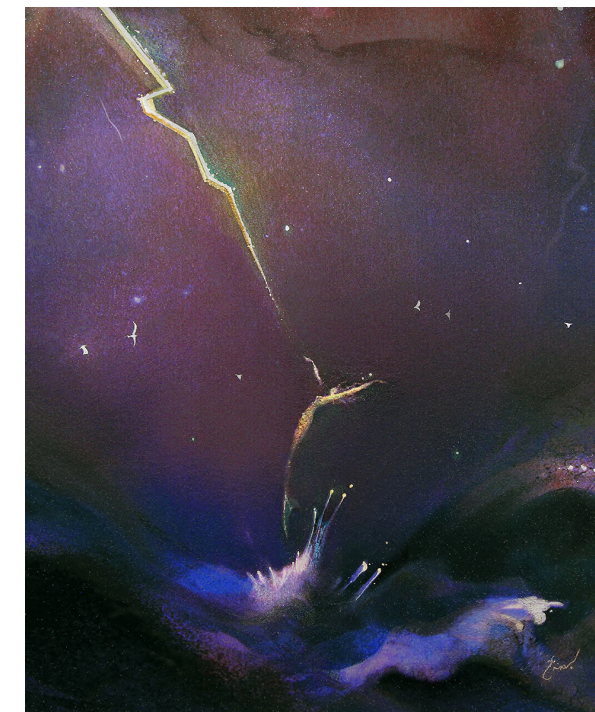
O uso de cores e a composição foram muito influenciados pelas artes digitais de Erin Vest<sup>1</sup>. Uma característica presente em muitos de seus trabalhos é um jogo de escala: ela costuma representar ambientes mais amplos com criaturas, ou pessoas pequenas, mas para criar uma sensação de magia e misticidade. Isso somado ao alto contraste, cores saturadas e texturas que ela utiliza dão uma sensação de que as figuras de suas pinturas se movem em uma velocidade muito mais lenta do que o normal.

---

<sup>1</sup> Erin Vest é uma ilustradora freelancer estadunidense que, como está descrito em seu portfólio, tem um trabalho que envolve contos de fada, cores saturadas e figuras suaves que se movem muito, mas muito devagar.



*Bird feeder*, Erin Vest. Pintura digital



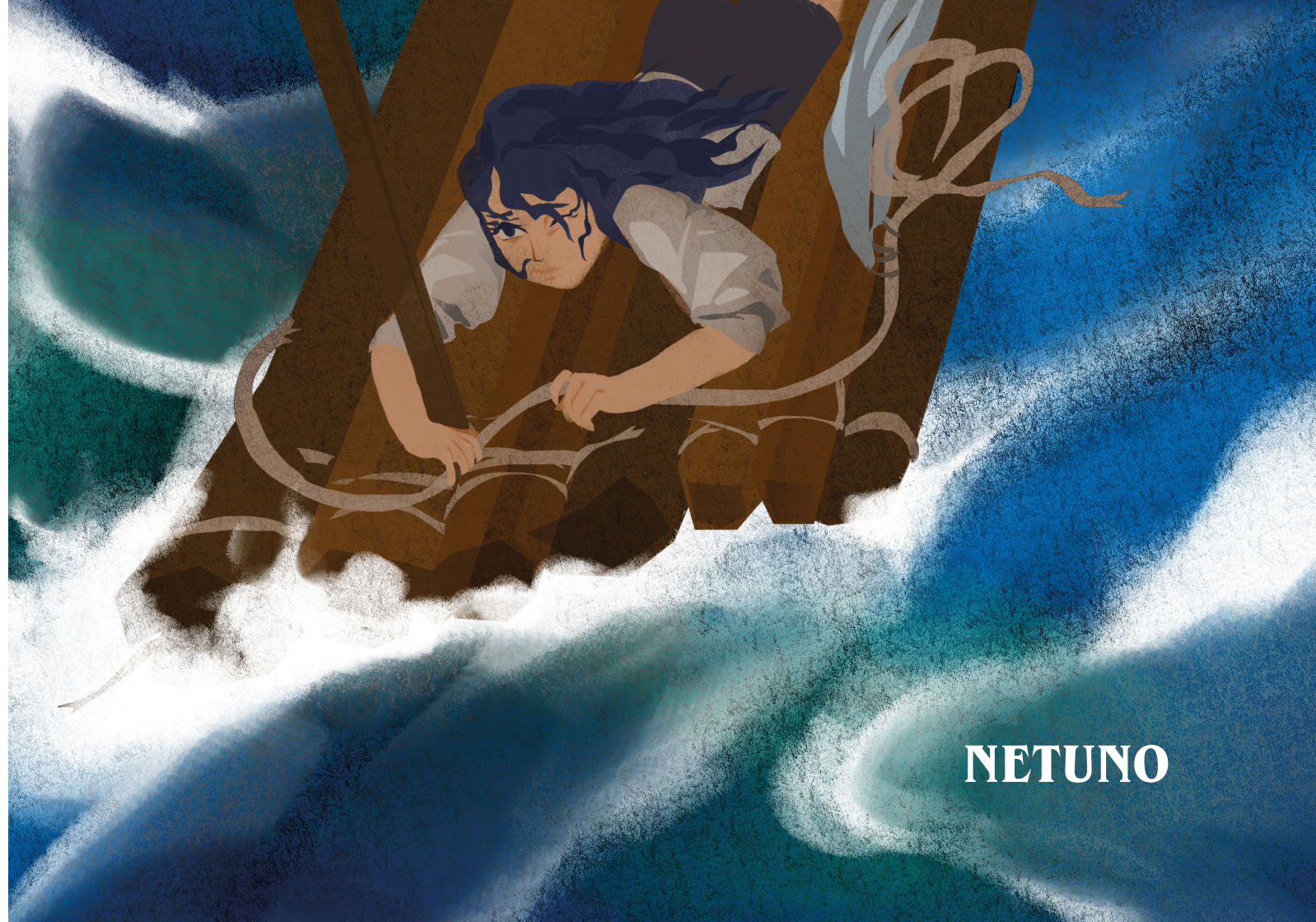
*Storm*, Erin Vest. Pintura digital





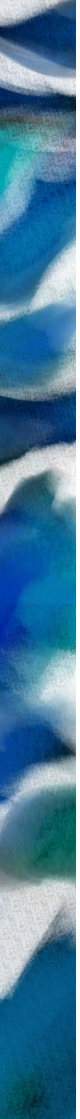
*Saturno*, zine digital. 2021





**NETUNO**





*Pitch black, pale blue  
It was a stained glass variation of the truth  
And I felt empty handed  
You let me set sail with cheap wood  
So I patched up every leak that I could  
'Til the blame grew too heavy*

*Stitch by stitch, I tear apart  
If brokenness is a form of art  
I must be a poster child prodigy  
Thread by thread, I come apart  
If brokenness is a work of art  
Surely this must be my masterpiece*

*I'm only honest when it rains  
If I time it right, the thunder breaks  
When I open my mouth  
I wanna tell you, but I don't know how*

*Neptune - Sleeping at Last*

*Neptune*, da banda Sleeping at Last, foi a motivadora de *Netuno*.

O trabalho explora essa associação que a música faz entre estar perdido no oceano e se sentir abandonado, descrevendo o mar como um ambiente hostil, um lugar escuro e labiríntico. Ela fala da sensação de estar desamparado dentro dele, em uma pequena jangada instável que claramente jamais conseguiria resistir à intensidade e ao sacudir das ondas.

O eu lírico faz uma ligação entre esse espaço impetuoso e seu próprio estado psicológico turbulento.

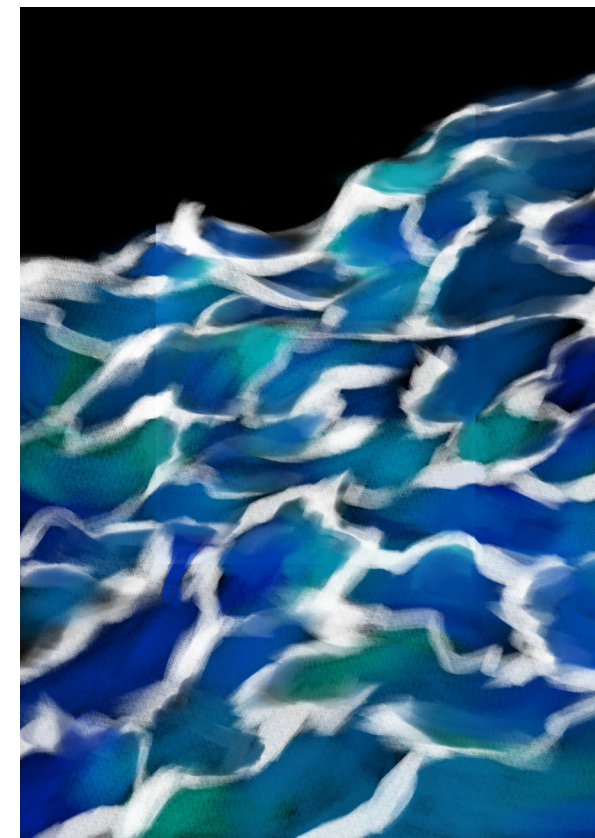
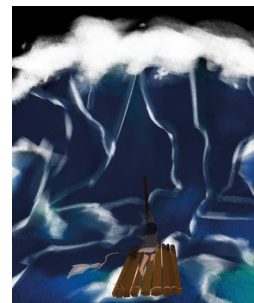
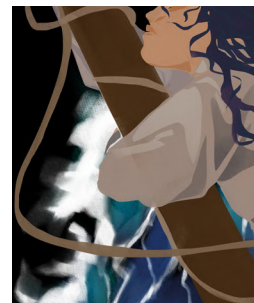
É importante perceber que a letra tem um tom muito claro de derrota, sendo algo que o próprio eu lírico reconhece, a situação é fadada ao fracasso. Ele menciona que, apesar de existir um esforço de resistência, no fim é incapaz de vencer a batalha mental, sendo assolado pela culpa, ou, dentro da metáfora, pelas ondas.

Enfrentar o que é assustador pode ser algo muito imponente.

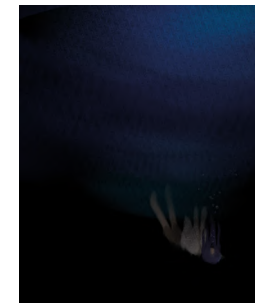
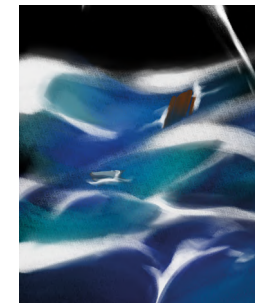
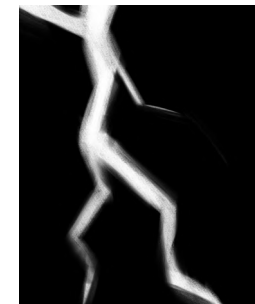
Não é mencionado diretamente que a jangada tomba, ou que o eu lírico é levado pela água, mas existe desfecho que melhor ilustra uma derrota em alto mar do que um afogamento?

O trabalho foi feito para uma exposição de fim de semestre no ESPAI, um ateliê/galeria de arte dedicado a experiências em artes visuais. A estrutura do lugar é uma casa antiga, mas o que me interessou muito foram suas grandes janelas de madeira.

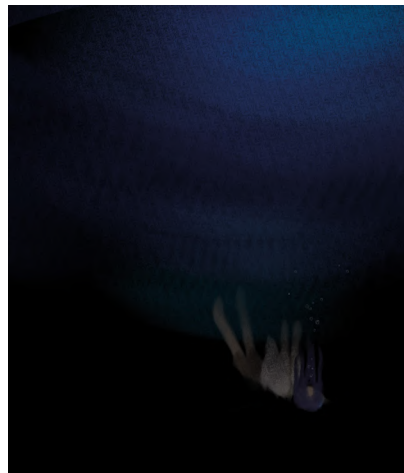
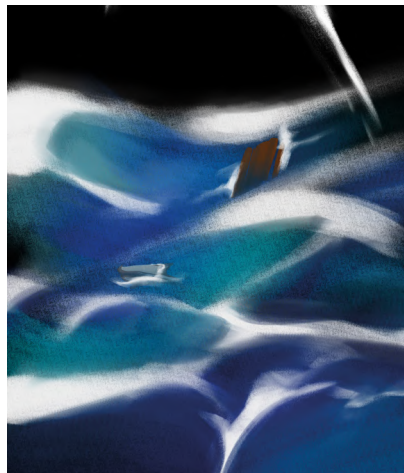
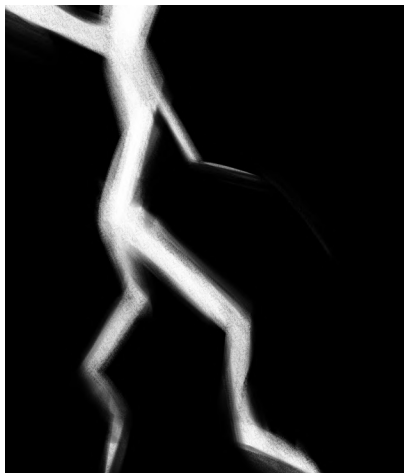
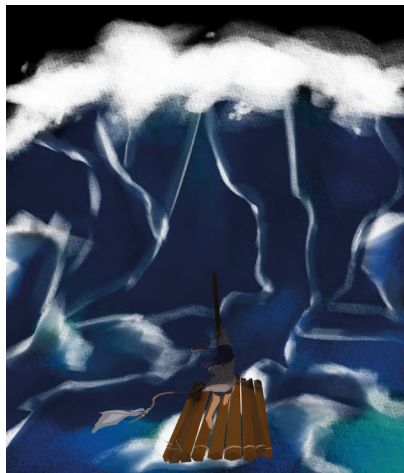
Existiu um jogo interessante em utilizar os retângulos das almofadas e da parte do vidro como se fossem painéis de quadrinho, mas aqui tomam uma proporção muito maior e fazem com que presenciar o trabalho se torne uma experiência do corpo.



*Netuno*, instalação. ESPAI. 2023







A janela também traz a questão do irreal para o trabalho. Transformar a parte de fora da janela, a paisagem da cidade que estamos acostumados a ver, nessa pintura das ondas. Esse recorte do mar que não necessariamente está na perspectiva certa, não vemos ele de baixo nem de cima, e que acontece fora de casa.

Existe essa confusão entre o que está fora e o que está dentro, proporcionando uma certa asfixia e criando essa inquietação: Será que essa água vai invadir?



*Netuno instalado*



**SUBMERGIR**



## *Submergir<sup>1</sup>*

1.

*verbo transitivo direto e intransitivo*

*cobrir(-se) de água; inundar(-se).*

*"a chuva, prolongada, submergiu o vale"*

2.

*verbo transitivo direto e intransitivo e pronominal*

*fazer sumir ou ficar totalmente sumido, mergulhando na água; afundar.*

*"uma onda enorme o submergiu"*

---

<sup>1</sup> In.: Dicio, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Acesso em 14 de novembro de 2023

Afundar completamente.

Ser encapsulado da cabeça aos pés, ser tomado de uma maneira tão absoluta e avassaladora que se torna impossível se desprender da experiência

Às vezes eu fecho os olhos e me sinto afundar.

Eu penso muito em, por alguns momentos, ter essa liberdade de me remover de onde estou e simplesmente sumir na água.

Se eu fosse uma pessoa mais poética, talvez eu falaria aqui de sonhos em que eu me vejo indo até o mar, correndo pela praia alucinada pela água, como se eu o estivesse vendo pela primeira vez, e cheia de certeza. Finalmente entrando no mar e indo cada vez mais dentro, mais longe, até desaparecer na linha do horizonte.



Mas eu não sonho com nada.

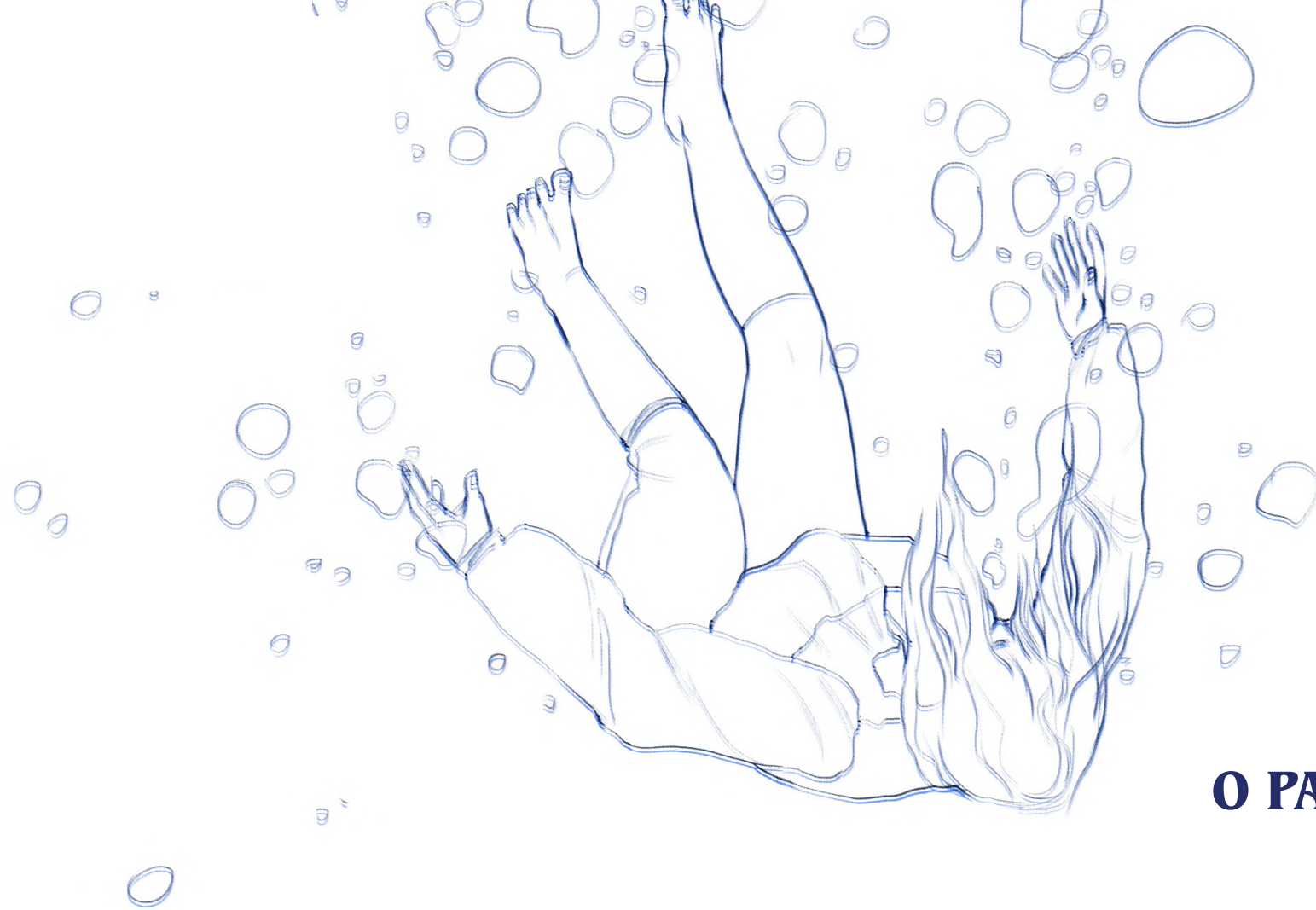
Para mim esse processo é muito mais parecido com dormir. A minha dissipação acontece em um leve degradê ao encostar a cabeça no travesseiro. É como se a minha forma física ficasse mais pesada e imergisse no colchão enquanto a minha cabeça flutua e vai se desmanchando no ar. Sumindo vagamente da consciência e se desfazendo no grande vazio do sono.

Às vezes, se eu relaxar o suficiente, quando sento na cama e a tensão sai do meu corpo, a minha visão borra e é quase como se eu conseguisse sentir a água subindo. Ela começa baixa, apenas uma leve camada cobrindo o chão, mas o gelado dela chega nas pontas dos meus pés, sobe pelas pernas até a cintura, segue percorrendo até o pescoço, preenche os ouvidos e não para até cobrir absolutamente tudo: eu, minha mochila, a cama, o espelho, o interior das gavetas do armário, tudo.

A sala é toda tomada pelo azul.


Isso não apenas no quarto, já aconteceu em pontos de ônibus, escadas, corredores, carros, um avião, já até consegui com que a água chegasse no vigésimo andar de um prédio. Em um pequeno momento de desconexão (desprendimento?) é possível afundar qualquer ambiente.

A lâmpada permanece ligada e, se eu olhar pra cima, eu consigo ver a luz oscilando no movimento da água.



**O PACÍFICO**






*And I thought I could just dip my toes in  
Didn't think I would lose my soul in this silver asylum  
But I let myself disappear  
I let myself disappear*

*The Pacific, Dave Malloy*

Aqui sigo com as músicas, dessa vez *The Pacific* de Dave Malloy, que faz parte de um álbum dele inspirado na história de Moby Dick. Essa música em específico fala sobre estar numa embarcação muitos dias em alto mar e que sentimentos isso pode trazer para a sua tripulação (buscando compreender como o tédio e a monotonia afetam a emoção de forma negativa e como esse tipo de ambiente leva à divagação).

Aqui inicio pela primeira vez o exercício de escrever meus pensamentos diante de uma música e, a partir deles, desenhar. Esse processo surgiu por causa de um medo que eu tinha de me ancorar demais na música e não conseguir ir além do que estava escrito na letra (meu interesse na música era que fosse um apoio de ambiente/idéias/sensações. Eu queria fugir de ilustrações literais).

Nesse caso, como a música descreve uma cena eu tive o processo de parar e falar “E se eu estivesse nessa cena? Ao imaginar esse momento, que sensações (físicas ou psicológicas) ele me proporciona? Como eu me sinto?”.



Dentro disso eu me apeguei muito ao calor. Estar debaixo do sol o dia todo sem nenhuma proteção deve ser horrível, o ar úmido e o suor fazendo as roupas colarem no corpo

É quase hipnotizante ficar olhando as ondas que se formam e se desfazem, principalmente nessa monotonia enfadonha na qual parece que você não consegue processar nada, apenas meios pensamentos embaralhados se mesclando uns aos outros. Qualquer sinal de clareza se perde dentro do movimento constante.

O ar é quente e denso de um jeito que dói a cabeça e, combinado com o balanço incessante do barco, embrulha o estômago. A roupa gruda na pele e se movimentar parece ser muito mais difícil.

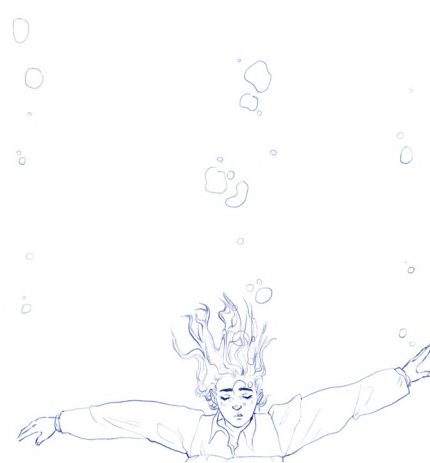
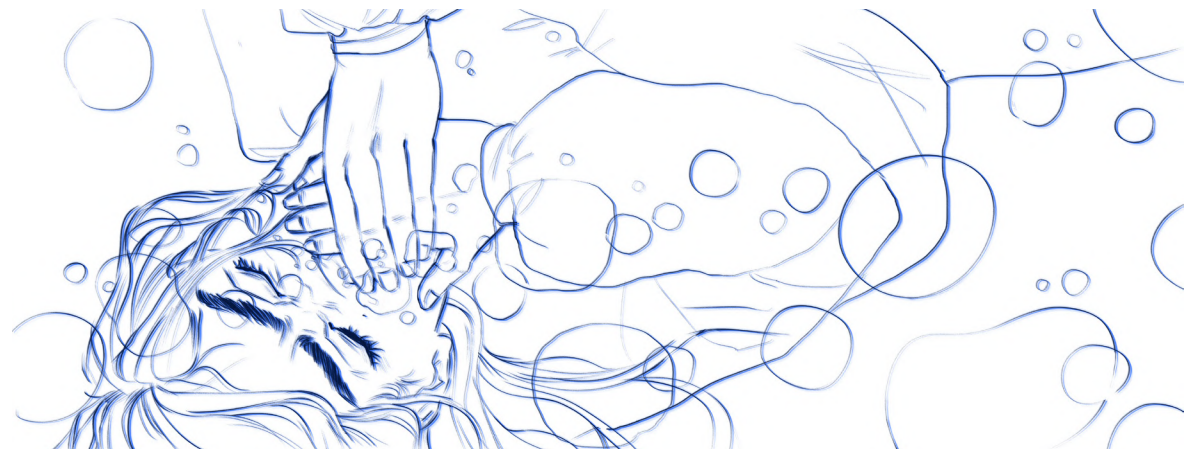
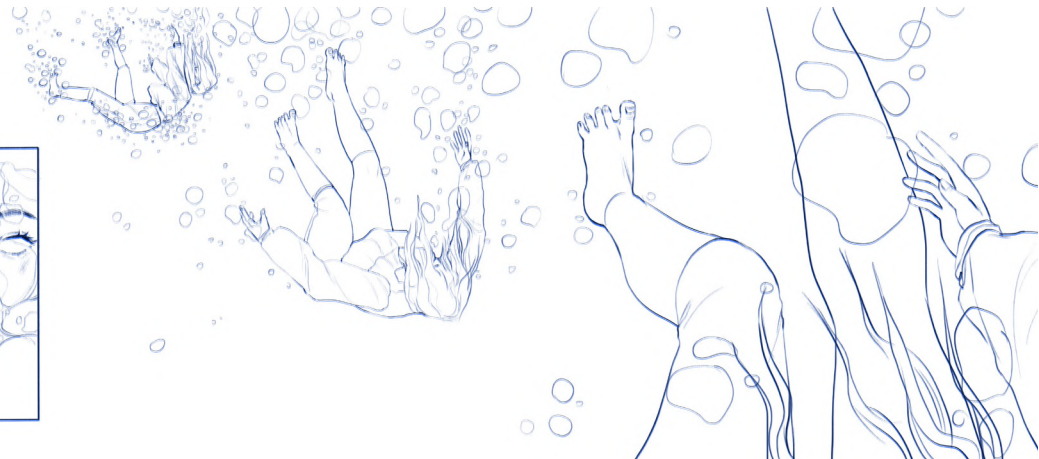
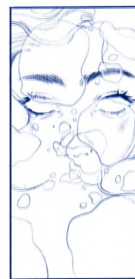
A cabeça pesa e parece que a pressão aumenta, é engraçado pensar que essa deve ser uma sensação parecida a estar debaixo da água a muitos e muitos metros da superfície, sendo chacoalhado pelo movimento da

água e preso na correnteza, o que faz você perder o ar mais rápido, a água é congelante e te faz perder a sensação dos seus membros.

Então começou com esse pensamento de que a atmosfera debaixo da água seria tão opressiva quanto a da superfície, mas talvez, fosse justo o oposto: estar na água seria uma experiência reconfortante. Quem sabe a água lá embaixo é fresca e segue seu curso suavemente, não empurra nem aprisiona, ela dá apoio ao corpo todo e guia seus movimentos, fazendo ele parecer tão, mas tão leve. A sensação de descer até o fundo parece muito com flutuar.

Diante disso acabei explorando essas duas maneiras de submersão, uma mais agitada e violenta e outra mais calma e pacífica. A questão do vasto ainda é explorada através da relação entre esse corpo que afunda e o mar.







**EMERGIR**



## *Emergir<sup>1</sup>*

1.

*transitivo direto e intransitivo*

*trazer ou vir à tona.*

*"guindastes especiais fizeram e. o avião desaparecido"*

2.

*intransitivo*

*tornar-se claro ou compreensível; aparecer, expressar-se, manifestar-se.*

*"finalmente, as razões da inexplicável renúncia emergiram"*

---

<sup>1</sup> In.: Dicio, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Acesso em 14 de novembro de 2023

As ondas se acalmam, o vento para, a visão desembaça e a água abaixa. Retomamos a consciência e emergimos.

Depois de ser inundado por uma jornada de explorações, contemplações e afundamentos existe o momento de retorno. Com ele vem também um sentimento de satisfação, de clareza.

O processo é cíclico. A vontade e o anseio levam à contemplação, que cria essa chama de curiosidade, sobrepondo até mesmo o medo, e isso tudo culmina no mergulho. Mas não é possível viver apenas no mergulho, retornos são necessários para encher o peito de ar e recuperar forças para seguir em frente.

Aqui contamos nossos tesouros, guardamos o aprendizado e jogamos fora o que, com a visão turva pela imersão, acreditamos em algum momento ser necessário. E aguardamos o momento que, novamente, sentiremos o chamado do desconhecido e, com ele, a vontade de mergulhar.





## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



BACHELARD, Gaston. A Água e os Sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

DIDI-HUBERMAN, Georges. De Semelhança a Semelhança. 2011

SHIOYA, Katherinne Aymi. A Representação Visual do Ma nas obras de Hayao Miyazaki. Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2022.

VERAS, E.H.N. A Encenação Tediosa do Imortal Pecado: Baudelaire e o Mito da Queda. 2013. 247. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, UFMG, Belo Horizonte, 2013.

EBERT Roger. Entrevista com Hayao Miyazaki, 2002. Disponível em: <<https://www.rogerebert.com/interviews/hayao-miyazaki-interview>>. Acesso em: 12 de novembro de 2023.

SANDRA Cinto. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10461/sandra-cinto>. Acesso em: 12 de novembro de 2023.

SANDRA Cinto. In: DAS ARTES. Disponível em: <https://dasartes.com.br/materias/sandra-cinto>. Acesso em: 12 de novembro de 2023

VEST, Erin. In: ERINVESTART. Disponível em: <https://erinvestart.com/>. Acesso em 14 de novembro de 2023

## Traduções minhas das músicas e dos poemas:

página 28

Infinito vezes infinito

Infinito vezes infinito vezes infinito

Infinito vezes infinito vezes infinito vezes infinito

Deixe ter luz, deixe ter luz, deixe ser certo

Sun - Sleeping at last

SUN. Intérprete: Sleeping at Last. Compositor: Ryan O'Neal. In: Atlas I. Intérprete: Sleeping at Last. 2014. Especificações do suporte (duração da música). Streaming de música Spotify, faixa 11 (4 min). Disponível em: [https://open.spotify.com/intl-pt/album/1E9iqjfSf5I5hPNfI1DRlh?si=kXh\\_QhllQAuodVL-qnqcg](https://open.spotify.com/intl-pt/album/1E9iqjfSf5I5hPNfI1DRlh?si=kXh_QhllQAuodVL-qnqcg). Acesso em: 01 dez. 2023.



páginas - p 34/46

Minha alma anseia  
Pelo segredo do mar  
e o coração do grande oceano  
me faz vibrar de emoção

Ah! que visões agradáveis me assombram  
Quando eu olho para o mar  
Todas as velhas lendas românticas,  
Todos os meus sonhos, retornam a mim

The Secret of the Sea - Henry Wadsworth Longfellow (p 30 e 32)

LONGFELLOW, Henry Wadsworth. The Secret of the Sea. Henry Wadsworth Longfellow, Maine Historical Society. Disponível em: <[https://www.hwlongfellow.org/poems\\_poem.php?pid=114](https://www.hwlongfellow.org/poems_poem.php?pid=114)>. Acesso em: 01 dez. 2023

páginas - p 51

Fiz um passeio para ver as estrelas  
Mas elas não estavam aparentes esta noite  
Então desejei fiz um desejo a um satélite chinês  
Quero acreditar  
Em vez disso, olho para o céu e não sinto nada  
Você sabe que odeio estar sozinha  
Eu quero estar errada (tradução minha)

Phoebe Bridgers - chinese satellite

SATELITE chinese. Intérprete: Phoebe Bridgers. Compositor: Phoebe Bridgers, Marshall Vore, Conor Oberst. In: Punisher. Intérprete: Phoebe Bridgers. Dead Oceans, 2020. Especificações do suporte (duração da música). Streaming de música Spotify, faixa 6 (3 min). Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/album/6Pp6qGEyWDdofgFC1oFbSH?si=nISOckj1Q3ayOE2v0pmUFw>. Acesso em: 01 dez. 2023.

página - 62

Começa com os nossos olhos bem familiarizados com a escuridão  
Então a mente foi feita para iluminar o coração  
E quando todas as constelações apareceram de repente  
Através de telescópios e cálculos  
O distante foi puxado para tão perto (p 62)

OVERTURE. Intérprete: Sleeping at Last. Compositor: Ryan O'Neal. In: Atlas I. Intérprete: Sleeping at Last. 2014. Streaming de música Spotify, faixa 1 (3 min). Disponível em: [https://open.spotify.com/intl-pt/album/1E9iqjfSf5I5hPNf11DRlh?si=kXh\\_QhIlQAuodVL-qnqcg](https://open.spotify.com/intl-pt/album/1E9iqjfSf5I5hPNf11DRlh?si=kXh_QhIlQAuodVL-qnqcg). Acesso em: 01 dez. 2023.

página - 84

Não pude deixar de pedir para você repetir  
Eu tentei escrever, mas nunca consegui encontrar uma caneta  
Eu daria de tudo para escutar você falar mais uma vez  
Que o universo foi feito só para ser visto pelos meus olhos

SATURN. Intérprete: Sleeping at Last. Compositor: Ryan O'Neal. In: Atlas I. Intérprete: Sleeping at Last. 2014. Especificações do suporte (duração da música). Streaming de música Spotify, faixa 18 (5 min). Disponível em: [https://open.spotify.com/intl-pt/album/1E9iqjfSf5I5hPNf11DRlh?si=kXh\\_QhIlQAuodVL-qnqcg](https://open.spotify.com/intl-pt/album/1E9iqjfSf5I5hPNf11DRlh?si=kXh_QhIlQAuodVL-qnqcg). Acesso em: 01 dez. 2023.



página - 92

Escuridão absoluta, azul pálido

Era um vitral

Variação da verdade

E eu me senti de mãos vazias

Você me deixou velejar

Com madeira barata

Então eu remendei

Cada vazamento que eu pude

Até a culpa se tornar muito pesada

Sutura por sutura, eu me rasgo

Se estar quebrado é uma forma de arte

Eu devo ser uma criança prodígio

Fio por fio, eu me desfaço

Se estar arrasado é um trabalho artístico

Com certeza essa é minha obra prima

Só sou sincero quando chove

Se eu cronometrar certo, o trovão soa

Ao eu abrir minha boca

Eu quero te dizer, mas não sei como

NEPTUNE. Intérprete: Sleeping at Last. Compositor: Ryan O'Neal. In: Atlas I. Intérprete: Sleeping at Last. 2014. Especificações do suporte (duração da música). Streaming de música Spotify, faixa 20 (4 min). Disponível em: [https://open.spotify.com/intl-pt/album/1E9iqjfSf5I5hPNfI-1DRlh?si=kXh\\_QhllQAuodVL-qnqcg](https://open.spotify.com/intl-pt/album/1E9iqjfSf5I5hPNfI-1DRlh?si=kXh_QhllQAuodVL-qnqcg). Acesso em: 01 dez. 2023.

página - 108

E eu pensei que poderia simplesmente mergulhar os dedos dos pés  
Não pensei que perderia minha alma neste asilo prateado  
Mas eu me deixei desaparecer  
eu me deixei desaparecer (tradução minha)

THE PACIFIC. Intérprete: Dave Malloy. Compositor: Dave Malloy. In: Moby Dick: A Musical Reckoning. Intérprete: Dave Malloy. 2016. Streaming de música Soundcloud. Disponível em: [https://soundcloud.com/dave-malloy/the-pacific?fbclid=IwAR2Bj\\_XgmZ3awMRRFdj485wppHPhmhRn-dBR7IZR7ZAxnzJDqliHMU1HgS40](https://soundcloud.com/dave-malloy/the-pacific?fbclid=IwAR2Bj_XgmZ3awMRRFdj485wppHPhmhRn-dBR7IZR7ZAxnzJDqliHMU1HgS40). Acesso em: 01 dez. 2023.



UFMG 2023

